SEMIFINAL

Está permitido recorrer a toda superstição. Vale crer que Inglaterra x Argentina em Copas é assunto para camisas 10 ou que a rota para a taça passa pelo rival em anos terminados em seis

Final é para quem acredita

VICTOR PARRINI
ENVIADO ESPECIAL

Atlanta — Argentinos e ingleses discordam em muitas coisas. Não se entendem em outras tantas. Hoje, às 16h, porém, dividirão a mesma fé. Não a religiosa, mas aquela que move o futebol e transforma coincidências em superstição. O único título mundial conquistado pelos inventores do futebol como o conhecemos nasceu depois de um duelo contra a Argentina. Nas quartas de final da Copa de 1966, em Wembley, Geoff Hurst, dono da camisa 10, marcou o gol da vitória por 1 x 0 e abriu caminho para a geração liderada por Gordon Banks, Bobby Moore, Bobby Charlton e Roger Hunt levantar a taça Jules Rimet diante da Rainha Elizabeth II.

Vinte anos depois, os deuses do futebol inverteram os papéis. Coube à Argentina eliminar a Inglaterra nas quartas de final antes de conquistar o bicampeonato no México. Sim, no mesmo país que havia brindado Pelé com tri em 1970. Diego Maradona assinou dois dos capítulos mais famosos da história das Copas: La Mano de Dios e o Gol do Século. Ainda houve tempo para Gary Lineker, também camisa 10, diminuir o placar na derrota inglesa por 2 x 1.

A rivalidade, claro, não se resume a esses dois capítulos. Em 1962, José Sanfilippo marcou o gol argentino na derrota por 3 x 1 para a Inglaterra de Bobby Charlton. Trinta e seis anos depois, Batistuta, Javier Zanetti, Alan Shearer e Michael Owen assinaram o empate por 2 x 2 antes da classificação argentina nos pênaltis. Em 2002, David Beckham decidiu o último duelo em Copas. Vestia a camisa 7, mas exercia o protagonismo normalmente reservado aos camisas 10.

As coincidências, porém, insistem em olhar para 1966 e 1986. Os dois confrontos abriram caminho para um título mundial. Os dois aconteceram em anos terminados em seis. Os dois tiveram camisas 10 como protagonistas. Agora, a rivalidade entrega mais um capítulo à própria superstição. Lionel Messi veste a 10 da Argentina. Jude Bellingham, a da Inglaterra. Resta saber se a história insistirá em rimar.

Não são camisas 10 meramente ilustrativos, como foi Neymar com a Seleção Brasileira. Messi, eleito oito vezes o melhor jogador do mundo, participou diretamente de 10 dos 17 gols da Argentina nesta Copa. Esteve presente em todas as comemorações da equipe nas seis partidas disputadas. Com as eliminações de Kylian Mbappé e Erling Haaland, desponta como principal candidato à Chuteira de Ouro do Mundial.

Hey, Jude! Os Beatles inspiram. Jude Bellingham executa. Quando todas as atenções recaem sobre Harry Kane e a marcação fecha os espaços para o centroavante, o meia do Real Madrid aparece. São quatro gols em três partidas. Todos decisivos. Marcou os dois da vitória sobre a Noruega na prorrogação e havia sido o salvador diante do México, com outros dois na dramática classificação inglesa, mesmo com um jogador a menos no Estádio Azteca.

Há uma diferença que ajuda a explicar o confronto entre Inglaterra e Argentina: o ritmo. Os sul-americanos jogam no compasso do maestro Messi. O camisa 10 economiza movimentos, dita a cadência da partida e faz da Argentina a seleção que menos percorre distância entre as semifinalistas, com média de 79,5km por jogo. A Inglaterra está no extremo oposto. Lidera o grupo dos quatro semifinalistas com 104,8km percorridos por partida e aposta na velocidade de pontas como Rashford, Saka, Gordon e Eze. Enquanto os ingleses aceleram, a Argentina prefere trocar passes, controlar a posse e fazer da bola o caminho obrigatório até Messi.

Roberto Schmidt e Thomas Coex/AFP

16h

Mercedes-Benz Stadium — Atlanta
Copa do Mundo: Semifinal

INGLATERRA

Jordan Pickford; Reece James, Ezri Konsa, Marc Guéhi e Nico O'Reilly; Declan Rice e Elliot Anderson; Bukayo Saka, Jude Bellingham e Anthony Gordon; Harry Kane.
Técnico: Thomas Tuchel

ARGENTINA

Dibu Martínez; Nahuel Molina, Cristian Romero, Lisandro Martínez e Nicolás Tagliafico; Leandro Paredes, Rodrigo De Paul, Enzo Fernández e Mac Allister; Lionel Messi e Julián Álvarez.
Técnico: Lionel Scaloni

Transmissão: Globo, SBT, SporTV e CazéTV
Árbitro: Ismail Elfath (Estados Unidos)

A Inglaterra, o jejum e a monarquia do quase

Mauro Pimentel/AFP

Ingleses vivem segunda maior seca de Copas, à frente apenas do Uruguai

Atlanta — A Inglaterra reaprendeu a chegar. O problema é que esqueceu como vencer. Desde 2018, a seleção tornou-se presença constante nas fases decisivas das grandes competições, mas coleciona eliminações, vice-campeonatos e frustrações. A semifinal contra a Argentina, hoje, no Mercedes-Benz Stadium, oferece mais uma oportunidade para interromper um jejum que dura desde a Copa do Mundo de 1966.

Lá se vão 60 anos. É o segundo maior jejum de títulos entre as seleções campeãs do mundo, atrás apenas do Uruguai, que não levanta a taça desde o Maracanazo de 1950 e caiu ainda na fase de grupos desta edição. Desde então, a Inglaterra viu o futebol mudar, transformou a Premier League no campeonato mais rico do planeta e revelou algumas das melhores gerações da Europa. O topo, porém, continuou distante.

Em 2018, a Inglaterra caiu diante da Croácia na semifinal da Copa do Mundo. Depois vieram dois vices consecutivos nas Eurocopas de 2020 e 2024, para Itália e Espanha, além do terceiro lugar na Liga das Nações. O roteiro mudou. As eliminações precoces deram lugar às derrotas quando a taça parecia ao alcance das mãos. O problema deixou de ser chegar. Passou a ser concluir bem.

As derrotas provocaram uma mudança inédita. Depois de oito anos sob o comando de Gareth Southgate, responsável por devolver a Inglaterra ao protagonismo internacional, a federação decidiu romper uma tradição centenária e apostou em Thomas Tuchel. Entre as quatro seleções semifinalistas, é a única dirigida por um estrangeiro. O alemão também tenta quebrar outro tabu: jamais um técnico nascido fora do país conduziu uma seleção ao título mundial.

Thomas Tuchel se deu ao luxo de deixar Phil Foden e Cole Palmer fora da convocação. Poucas seleções do mundo abririam mão de dois talentos desse nível. A Inglaterra pode. Kane, Bellingham, Saka e Rice lideram uma geração que oferece material humano de sobra para encerrar um jejum de seis décadas. O desafio já não é revelar craques.

Os ingleses se reinventaram, abandonaram o estereótipo do futebol baseado apenas na força física, nos cruzamentos e nas bolas longas e passaram a formar jogadores técnicos, criativos e versáteis. O problema deixou de ser formar craques e passou a ser transformá-los em campeões.

São muitas as explicações para a sucessão de quases. Passam pelo peso de uma camisa que não levanta a Copa do Mundo desde 1966, pela cobrança permanente da imprensa inglesa e pela dificuldade de transformar elencos talentosos em equipes vencedoras.

Há, sem dúvida, um componente psicológico. A expectativa criada em torno de cada geração e a pressão dos jogos decisivos costumam cobrar um preço alto. Também pesa a dificuldade de manter a identidade de jogo quando a taça entra em campo.

Thomas Tuchel discorda. O treinador rejeita a ideia de que a Inglaterra sofra um bloqueio psicológico. "Como podem falar em mentalidade? Isso é pura mentalidade. Não é um problema mental. É sobre a qualidade do nosso jogo. Precisamos jogar melhor", desabafou após a classificação sobre a Noruega.

Foi justamente para romper esse ciclo que a Federação Inglesa decidiu trocar Gareth Southgate por Thomas Tuchel. O antigo treinador devolveu protagonismo à seleção, mas deixou a impressão de que havia levado a geração ao limite. O alemão chegou para acrescentar o que faltou nas últimas decisões: coragem para assumir riscos e frieza nos momentos decisivos.

A campanha nesta Copa sugere que a transformação está em curso, mas ainda longe de ser definitiva. A Inglaterra virou contra a República Democrática do Congo, resistiu com um jogador a menos diante do México e buscou outra reação contra a Noruega. A semifinal contra a Argentina vale mais do que uma vaga na decisão. É a oportunidade de provar que esta geração sabe fazer aquilo que as anteriores não conseguiram: transformar o quase em conquista. **(VP)**

Roberto Schmidt/AFP

Autoridades se cercam de cuidados para evitar brigas nas ruas de Atlanta

FBI em alerta por jogo de risco

JOÃO VÍTOR MARQUES
ENVIADO ESPECIAL

Atlanta — A tensão paira em Atlanta. Nos últimos dias, milhares de pessoas chegaram à cidade. Em espanhol ou um inglês, enchem a região de cantos e provocações à espera de um encontro "histórico". O adjetivo foi escolhido pela polícia local, que pode se tornar um indesejado protagonista hoje. Afinal, Inglaterra e Argentina fazem um clássico repleto de rivalidade, qualificado pelo FBI como o jogo de maior risco desta Copa do Mundo.

Ingleses e argentinos protagonizam a que, para muitos, é a maior rivalidade intercontinental do futebol. Tudo começa fora de campo, com episódios de desencontros políticos, econômicos e bélicos. Em 1982, a Guerra das Malvinas — que vitimou 649 militares argentinos, 255 militares ingleses e três civis — abriu uma ferida que ressoa até hoje.

O conflito encontrou reflexos nas quatro linhas. Tamanha rivalidade e as lembranças da batalha entre torcedores no México, em 1986, acendem um alerta nas autoridades. Representantes da Fifa, do FBI e da polícia local se encontraram na segunda-feira para traçar o plano de segurança para a partida, com aumento de efetivo e equipamentos com o objetivo de conter qualquer tipo de confusão.